


Contar histórias desde aqui: por uma sala de aula feminista e amefricana¹

Storytelling from here: for a feminist and amefrican classroom

Contar historias desde aquí: para un aula feminista y amefricana

Bruna Moraes Battistelli - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS | Doutoranda em Psicologia Social e Institucional | E-mail: brunabattistelli@gmail.com | 

Luciana Rodrigues - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS | Professora Adjunta do Instituto de Psicologia | E-mail: lurodrigues.psico@gmail.com | 

Resumo: Como escreve Scholastique Mukasonga em seu livro “A mulher de pés descalços”, precisamos ensinar aos nossos dedos dos pés um caminhar que não os machuque pelo percurso. Inspiradas por essa proposição, esse trabalho busca tecer diálogos com os ensinamentos de intelectuais como bell hooks, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa e Lélia Gonzalez para pensarmos uma sala de aula e uma docência pautadas em uma ética feminista e antirracista. Assim, situadas desde o continente amefricano, objetivamos, a partir de nossas experiências e de uma inspiração cartográfica, discutir as relações entre o ser professora-pesquisadora-feminista na aposta de uma universidade que acolha, cuide e nos possibilite contar mais histórias. Para isso, lançamos mão de nossas próprias histórias que narram sobre como construímos uma voz para nós mesmas, como experienciamos a universidade e por quais caminhos chegamos no exercício da docência e da pesquisa em uma perspectiva feminista e antirracista. Por fim, como possibilidade de intervenção para docência que se assente sobre uma política do cuidado, narramos uma experiência em sala de aula, que acontece há pelo menos um ano, onde as/os alunas/os são convidadas/os a escrever cartas em uma disciplina. Nossa aposta é para que possamos seguir construindo o espaço da sala de aula também como espaço de cura, onde nossos corpos estejam em prol de políticas para o encantamento da vida.

Palavras-chave: Feminismo. Docência. Amefricanidade.

Abstract: As Scholastique Mukasonga writes in his book “The barefoot woman”, we need to teach our toes a walk that does not hurt them along the way. Inspired by this proposition, this work seeks to dialogue with the teachings of intellectuals such as bell hooks, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa and Lélia Gonzalez to think of a classroom and teaching guided by a feminist and anti-racist ethic. Thus, from the Amefrican continent, we aim, based on our experiences and a cartographic inspiration, to discuss the relationships between being a teacher-researcher-feminist to produce a university that welcomes, cares and allows more stories to be told. For this, we use our own stories that narrate how we build a voice for ourselves, how we experience the university and what paths we have taken in the exercise of teaching and research in a feminist and anti-racist perspective. Finally, as a possibility of intervention for teaching based on a care policy, we narrate an experience in the classroom, which has been going on for at least a year, where students are invited to write letters to a discipline. Our bet is that we can continue to build the classroom space as a healing space, where our bodies are in favor of policies to enchant life.

Keywords: Feminism. Docence. Amefricanity.

¹ CAPES.

Resumen: Como escribe Scholastique Mukasonga en su libro “A mulher de pés descalços”, debemos enseñar a nuestros dedos de los pies a caminar que no los lastime en el camino. Inspirada en esta propuesta, esta obra busca tejer diálogos con las enseñanzas de intelectuales como bell hooks, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa y Lélia González para pensar en un aula y una enseñanza guiada por una ética feminista y antirracista. Así, con base en el continente americano, pretendemos, a partir de nuestras experiencias y una inspiración cartográfica, discutir las relaciones entre ser docente-investigadora-feminista en la apuesta de una universidad que acoge, se preocupa y nos permite contar más historias. Para ello, utilizamos nuestras propias historias que narran cómo nos construimos una voz, cómo vivimos la universidad y qué caminos hemos tomado en el ejercicio de la docencia y la investigación desde una perspectiva feminista y antirracista. Finalmente, como posibilidad de intervención para la docencia que se fundamenta en una política de cuidado, narramos una experiencia en el aula, que lleva al menos un año en marcha, donde se invita a los alumnos a escribir cartas en una disciplina. Nuestra apuesta es que podamos seguir construyendo el espacio del aula como un espacio curativo, donde nuestro cuerpo esté a favor de políticas para encantar la vida.

Palabras clave: Feminismo. Docencia. Amefricanidad.

1 Introdução

“Alexia tem dedos que enxergam, dizia mamãe. Já os seus e os de Julienne (pois os pés de Julienne ficavam no mesmo estado em que os meus) não veem nada, mas vou ensiná-los a ver”. E, depois do jantar, no breu da noite, Stefania tentava ensinar nossos dedos do pé a enxergar. Ela fabricava uma tocha com galhos secos e varria o chão com a chama bem na frente de nossos dedos. Ela dizia a eles, principalmente aos dedões que ficavam mais expostos aos perigos da estrada: “Abram os olhos! Que, a partir de agora, vocês possam enxergar à noite e conhecer o caminho”. Mas os dedos do pé insistiam em não ver nada, os olhos dos dedos não se abriam. Mamãe não desanimava, ela me aconselhava: “Quando você estiver caminhando, deve se dirigir ao coração, ele vai espalhar luz por todo o seu corpo. Assim, diga a ele para lembrar os dedos do pé para olharem por onde pisam. Seu coração vai dizer aos pés: “É noite. Abram os olhos. Eu vejo o que está à frente; vocês devem ver o que está embaixo (MUKASONGA, 2017, p. 60-61).

Ouvir o coração, ensinar os dedos do pé, pensar com as entranhas, algumas das ações que nos guiam neste artigo. Escrevemos acompanhadas de intelectuais e artistas negras, mulheres que nos contam histórias sobre como enfrentaram seus medos e construíram para si uma voz, erguendo-a sem pedir licença. E que nos abrem caminhos-convites a formas de conhecer a si e ao mundo e com isso nos fazem mais conscientes de que temos corpo, com cabeça, coração, pés, dedos, entranhas. Corpos diversos e pluriversos, que precisam ser defendidos e protegidos a cada instante, pois encontram-se sempre à beira do risco - do silenciamento, apagamento e tantas outras violências. Há, portanto, mulheres e intelectuais que por mais que seus dedos do pé enxerguem, guardando e ensinando a sabedoria dos caminhos já percorridos, viverão com a presença diária das cicatrizes oriundas de chãos esburacados, produzidos pelos tentáculos do racismo e machismo.

Antes de seguirmos, gostaríamos de anunciar a você, cara/o leitora/leitor, por quais caminhos nossos pés convidam os seus a trilharem. Iremos discutir nossa experiência na universidade e com a docência situando um desde aqui, pois assumimos com a intelectual e militante negra brasileira Lélia Gonzalez (2018), que vivemos em uma Améfrica Ladina. Essa é a nomeação que ela nos convida a afirmar para nosso continente. E com ela, refutamos toda e qualquer ideia de um projeto colonial que aposte que somos um país branco. O sonho de ser europeu/estadunidense que nos ronda é fruto da disseminação de uma ideologia de branqueamento, pactuada no mito da democracia racial que sustenta, ainda hoje, a política de Estado brasileira.

Assim, com Lélia Gonzalez (2018), reafirmamos nossa raiz ameríndia e negra buscando tecer diálogos com vozes amefricanas que nos permitam construir um fazer docente pluriversal e acolhedor. Sentimos, vivemos, amamos, caminhamos e pesquisamos desde aqui, portanto, precisamos dialogar com quem compartilha feridas semelhantes² e resiste, produzindo a afirmação da vida pisando com seus pés em chãos próximos aos nossos. Desta forma, compartilhamos de memórias da violência colonial que, ainda hoje, encontra-se enraizada em nosso país.

A amefricanidade (GONZALEZ, 2018) nos oferta um olhar novo e criativo da formação histórico-cultural brasileira. Através dela, a autora coloca em questão a formação inconsciente de nosso país, afirmando que a mesma não é exclusivamente branca e europeia, como a política eugenista de embranquecimento da população brasileira e como estratégia genocida do povo negro, como nos mostra Abdias Nascimento (2016), quer nos fazer crer. “Nesse contexto, todas/os as/os brasileiras/os (e não apenas os “pretos” e “pardos” do IBGE) são ladinoamefricanas/os” (GONZALEZ, 2018, p. 321). Queremos dizer que nossa responsabilidade é com o chão que pisamos, com a cultura que compartilhamos, com as vozes que escutamos e referenciamos. Um fazer docente pensado desde aqui assume sua ladinoamefricanidade consciente de suas influências ameríndias e negras. Assume um pensar preocupado com problemas de um país que denega suas origens e violenta a maioria da população em nome de um ideal de branqueamento que ainda persiste.

Como duas mulheres amefricanas (uma negra de pele clara e outra branca) que ocupam espaços de docência na universidade, desejamos escrever sobre esse exercício como uma ferramenta que pode (e deveria) se somar ao enfrentamento de um chão pavimentado sob a égide do racismo, machismo, elitismo e construído, hegemonicamente, a partir de corpos brancos, masculinos, cishetero, cristãos pelos quais tantas de nós caminhamos em nossos percursos de vida. Caminhar pelo espaço universitário pode ser perigoso aos pés de sujeitas/os subalternas/os, desta forma, para evitar riscos e adoecimentos, acreditamos na força da criação de comunidades de aprendizagem que possam andar juntas/os.

² Ao utilizarmos a palavra semelhante não estamos nos referindo à ideia de seres iguais e, sim, nos referindo ao fato de que coletivamente herdamos uma ferida colonial, compreendendo que ela é experienciada de modos diferentes conforme as posições de sujeito produzidas a partir dessa mesma ferida.

O convite que fazemos a você, cara/o leitora/leitor, é para que possamos exercitar nosso pensamento em direção a prática de uma docência e de um pesquisar que esteja sustentado a partir de uma política feminista e antirracista, acionado desde os feminismos negros amefricanos por meio dos quais possamos sustentar na prática a convicção de que “é possível dar aula sem reforçar os sistemas de dominação existentes” (HOOKS, 2017, p. 31). Defendemos a indissociação destes fazeres, apostando que com ambos aprendemos, ensinamos e produzimos muito mais do que conteúdos e informações. Nesse sentido, é preciso que possamos reconhecer e estabelecer, como nos fala a intelectual negra norte-americana bell hooks³, os elos entre “as práticas de vida, os hábitos de ser e os papéis professorais” (p. 29).

A autora nos ensina ainda que, sendo seres integrais, o processo de ensino e aprendizagem envolve “não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (HOOKS, 2017, p. 27). Portanto, somos conscientes da força das histórias e o impacto destas na constituição, tanto de um fazer docente-pesquisadora que se enlaça com o saber da experiência, como do processo de ensino-aprendizagem das e dos estudantes. “Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade, dentro ou fora da sala de aula” (HOOKS, 2020, p. 89). Comunidade não no sentido romantizado que por ventura ronda essa noção, mas no sentido do estabelecimento de uma relação baseada no respeito mútuo, do reconhecimento e compartilhamento da escuta e da fala (HOOKS, 2017).

Quando falamos do ato de narrar e contar histórias é importante que possamos nos manter atentas em relação ao alerta que nos coloca a autora nigeriana Adichie Chimamanda (2010) em sua fala sobre o perigo da história única: “A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história” (s. p.). Portanto, é necessário alargar o campo das histórias contadas, acolher diferentes versões que ofereçam perspectivas diversas e diferentes elementos que nos permitam leituras dos sujeitos, de nós mesmas/os e do mundo que nos ensinam sobre a complexidade da vida, não sobre sua redução a estereótipos que conformam análises maniqueístas obedientes a uma lógica colonial - essa que hierarquiza os mais ou menos humanos

³ Ao longo de todo texto respeitamos a grafia minúscula escolhida pela autora para composição de seu pseudônimo – bell hooks.

e, portanto, aqueles que merecem cuidado, proteção e amor versus aqueles que são deixados à própria sorte ou, ainda, para os quais se produz uma maquinaria mortífera.

Nesse processo, torna-se fundamental nos perguntarmos sobre quais histórias contamos em nossas aulas? Quais narramos e como as narramos em nossos textos acadêmicos? Conversando com nossos pés que, em suas andanças pelo chão universitário, precisam seguir os caminhos da produção de conhecimento, escolhemos um caminho que nos instiga a uma prática da docência que se compõe, como nos convida bell hooks (2020), com o ato de contar histórias: as nossas, de outras mulheres, de heroínas e de escritoras negras e indígenas. Uma docência pluriversal e desobediente aos cânones coloniais, com sua métrica que postula e legitima a centralidade dos referenciais teóricos brancos, eurocentrados, masculinos e cisheteronormativos. Assim, em nossa experiência acadêmica, temos exercitado a prática de compartilhar histórias a partir de fios de uma outra política de memória que vem desde aqui, desde a América Latina (GONZÁLES, 2018).

Se, como nos fala bell hooks (1995), é possível produzirmos conhecimento a partir de uma política do cotidiano, que não separe vida e escrita, como menciona Glória Anzaldúa (2019), nosso texto também precisa estar encharcado por nossas histórias, que narram nossas experiências e, também, as experiências de outras que vieram antes de nós e que nos ajudam a tecer relações que digam respeito ao ser professora e pesquisadora em um contexto universitário.

Nossa escrita-caminhada é, assim, acompanhada por intelectuais como bell hooks, Audre Lorde, Gloria Anzaldúa, Lélia Gonzalez e Silvia Rivera Cusicanqui. Uma caminhada que se dá de forma coletiva e prezando pela multiplicidade de referências e narrativas. Nosso convite? Que você venha conosco, tire seus sapatos costumeiros e siga pela proposta de um fazer docente descalço.

2 Uma sala de aula feminista

O modo como você sente, o modo como você vive, o modo como você compartilha seus sentimentos, é assim que você ensina (LORDE, 2020, p. 105).

Em nosso tempo presente, em que políticas de enfrentamento aos sistemas de dominação - como o sistema patriarcal e supremacista branco (HOOKS, 2019b) - vêm sendo atacadas, sabemos do risco que corremos ao defendermos os princípios feministas como articuladores da docência. De que risco falamos? Do mesmo ao qual se refere bell hooks (2019a), em “O

feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, quando diz que ao se apresentar como escritora, crítica cultural e teórica feminista, o interesse da plateia acaba quando ela menciona o feminismo. A autora afirma que é comum ouvir sobre a maldade das feministas, de como essas são contra os homens, que seriam todas lésbicas e que estão tornando a vida do homem branco mais difícil. Quando narra essa história, a autora explica que a maioria dos críticos do feminismo não realizou leituras sobre o tema, afirmando que o que sabem foi escutado a partir de terceiros. Bell Hooks (2019a) convida, então, a imaginarmos o seguinte:

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais [...]. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos [...]. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Aproxime-se. Veja como o feminismo pode tocar e mudar sua vida e a de todos nós [...]. Aproxime-se e verá: o feminismo é para todo mundo (p. 15-16).

Praticar uma educação feminista é ser consciente das lutas que precisamos travar contra o racismo e machismo que consolidou um certo modo de pensar e produzir conhecimento. Para a autora, “a sala de aula feminista - é e deveria ser um lugar onde há um senso de luta [...] que ‘deveria, sobretudo, envolver os estudantes em um processo de aprendizado que fizesse o ‘mundo mais real’ e não ‘menos real’” (HOOKS, 2019b, p. 117). O risco que aceitamos correr nos anunciando feministas é não sermos escutadas em decorrência do preconceito relacionado aos feminismos. Feminismos no plural, pois os mesmos são diversos nas lutas que travam e, por isso, fazemos a escolha por seguir conversando com feministas amefricanas, que vivem e sentem desde o território espoliado, invadido e colonizado que chamamos América Ladina.

Audre Lorde (2020), outra intelectual negra norte-americana, também nos inspira à prática de uma docência desprendida das amarras do cânone colonial. A imagem da pesquisadora como professora, a humana como pesquisadora, a professora como humana, que desdobramos a partir de um de seus textos, nos auxilia na construção de nosso caminho, pois aponta para a inseparabilidade entre vida e academia (e aqui, mais especificamente, entre escrita, docência e pesquisa). Em seu texto, a autora nos oferece a relação que estabelece entre seu fazer poético e à docência, afirmando que todo poema que escreve “é, além de tudo, uma ferramenta de aprendizagem” (LORDE, 2020, p. 103). Semelhante aos ensinamentos de bell hooks (2017), Audre Lorde (2020) aposta que “existe algo a ser aprendido ao compartilhar um sentimento verdadeiro entre duas ou mais pessoas” (p. 103-104). E para compartilhar um sentimento é preciso que estejamos inteiras naquilo que estamos nos propondo, afirma Audre Lorde (2020).

Pelos caminhos de um exercício à descolonização do pensamento, nos encontramos com a intelectual chicana Gloria Anzaldúa (2019) que, convergindo com a proposição de Audre Lorde (2020) e bell hooks (2017; 2019b), nos aponta a inseparabilidade entre vida e escrita. Inseparabilidade que, de forma análoga, buscamos afirmar entre a vida e os fazeres da docência, da pesquisa e, também, da prática da extensão⁴. “Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso [...]. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor” (ANZALDÚA, 2019, p. 93). Para a autora, o perigo com o qual deveríamos nos preocupar ao escrever (ou seja, compartilhar e produzir conhecimento), não é o de não manter um distanciamento de nossos corpos, mas justamente o contrário, o perigo de

não conectar nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade da sociedade que vivemos, com nossa intimidade, nossa história, nossa economia e perspectivas [...]. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. *Nenhum assunto é muito trivial*. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno à custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico (ANZALDÚA, 2019, p. 90).

A docência, desta forma, está pautada no compromisso com o viver e com a ampliação das possibilidades de vida. Como fazemos isso? Inundando o chão que pisamos com novas histórias que têm sido relegadas ao lugar de não científico, tratadas como exóticas e folclorizadas. Nesse fazer, que compomos com um coletivo de mulheres, ao contrário de ensinar que as/os alunas/os repitam e reproduzam um certo tom erudito e hegemônico, ainda muito presente na universidade, ensinamos através da articulação entre conteúdo e experiência (HOOKS, 2017), através de uma política do cotidiano (HOOKS, 1995). Assim, buscamos romper com essa forma de produção de conhecimento que ensina que não se devemos nos debruçar sobre o pessoal - como se o pessoal não fosse político, afirmando que cada aluna/o possa “enfrentar o medo de se manifestar e, com coragem, confrontar o poder” (HOOKS, 2019b, p. 19).

Deste modo, para que professoras e alunas/os possam erguer suas vozes como enfrentamento às muitas violências que sofrem, aos sistemas de dominação patriarcal e racista, precisamos que no espaço da universidade exercitemos e escutemos saberes que afrontam a epistemologia hegemônica com a qual fomos colonizadas/os. As pistas que encontramos no pensamento das autoras que citamos, dizem de uma reconexão com o corpo. Somos corpos com

⁴ Ensino, pesquisa e extensão constituem o tripé da política universitária, a partir da qual realizamos nossos trabalhos.

múltiplas características e precisamos chegar mais “inteiras/os” nos lugares que ocupamos. Audre Lorde (2020) afirma que “se eu não trouxer tudo o que sou ao que estiver fazendo, então não trago nada, ao nada de valor duradouro” (p. 104), pois, segundo ela, é na troca íntima que o aprendizado e o ato de ensinar acontece (LORDE, 2020).

Bell Hooks (2017) afirma que o prazer de ensinar é um ato de resistência e que a professora precisa participar do crescimento intelectual e espiritual das/dos alunas/os. Em um trabalho preocupado com a autorrealização de cada um mediado nas relações em sala de aula. Uma pedagogia engajada focada no bem-estar e que exige que professoras/es tenham o compromisso com seu próprio processo de autorrealização para, então, fortalecer e capacitar suas/seus alunas/os (HOOKS, 2017). Nesse caminho, a autora nos mostra que uma das características da pedagogia engajada feminista é reconhecer o valor de cada voz individual, devendo proporcionar espaços de escuta, pois ouvir um ao outro é um exercício de reconhecimento.

Já dei aula a brilhantes alunos de cor, alguns de idade avançada, que conseguiram, com muita habilidade, nunca abrir a boca em sala. Alguns expressam o sentimento de que, se simplesmente não afirmarem sua subjetividade, terão menos probabilidade de ser agredidos (HOOKS, 2017, p. 57).

A docente feminista, pactuada em lutar contra todas as formas de opressão e violência colonial a que somos submetidas/os (e que submetemos as/os alunas/os) precisa constituir a sala de aula como um espaço de escuta e acolhimento, que não violente àquelas/aqueles que ousarem erguer a voz. Assim, como mencionamos acima, criar uma comunidade de aprendizagem, aos moldes de como a autora propõe, que reconheça a necessidade de estarmos inteiras/os, como afirma Audre Lorde (2020), passa por centrarmos nossa atenção na questão da voz: “Quem ouve? Quem fala?” nos questiona bell hooks (2017, p. 57). E complementamos: quem acolhe? Como se acolhe?

3 Professora, quem diria? Rompendo o silêncio de mãos dadas com Audre Lorde

Silêncio. Lembro com nitidez da força da minha negativa frente a possibilidade de me tornar professora. Tudo o que eu mais queria era que o último ano do meu percurso escolar acabasse. Não aguentava mais aquele espaço para o qual eu precisava ir todos os dias. Saía de casa nos exatos cinco minutos antes de tocar o sinal de entrada para o início da aula. Esse era o

tempo de chegar e encontrar a porta da sala aberta (o que nem sempre funcionava, em função dos atrasos) e não precisar esperar no meio do saguão lotado, onde eu me sentia sempre sozinha. Era tímida. Uma dessas alunas consideradas exemplares: ia bem nas “matérias”, era quieta, obediente. E com a adolescência, veio a sensação e os efeitos da solidão e do *bullying* que me fizeram sentir que eu era uma estranha no mundo (ao menos, naquele mundo). Não entendia porque essas coisas aconteciam.

Falar não era fácil, nem encontrava muitos espaços para isso. Meu silêncio se escondia muito bem atrás do bom comportamento esperado dentro de uma escola. Enquanto outras vezes se lançavam sobre mim como flechas banhadas em ironia, a minha própria voz permanecia silenciada. Assim, era entre músicas, livros e escritas que eu ia sustentando minha existência. Aprendi com meu pai a amar os livros, isso desde muito antes de eu ser alfabetizada.

No último ano da escola, que me trouxe a experiência mais dolorosa em relação a solidão e o sentimento de inadequação, felizmente, alguma coisa me fez adotar a escrita do diário como meio de expressar minha voz. Era para lá que iam as palavras não ditas. Aquelas pelas quais ninguém perguntava. Naquele tempo bell hooks era desconhecida para mim. Hoje é incrível pensar que, naquela mesma época, ela já havia escrito algo que faz todo sentido e ressignifica minha experiência daqueles anos, que “escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto (HOOKS, 2019b, p. 33).

Em meio a isso, havia algo que eu gostava naquele espaço: as aulas de Literatura. Eu tinha facilidade em escrever, ao menos, minha professora gostava do que eu escrevia. Mas eu queria ser química - era uma possibilidade cursar química industrial na universidade da cidade. Achava muito legal a ideia de trabalhar mais entre tubos de ensaio do que com pessoas, mas havia um problema sério nesse projeto: as disciplinas de Física eram uma pedra no sapato. Não entendia aquelas fórmulas. Foi, então, em uma aula de literatura que minha professora, ao saber da minha vontade profissional, me disse com cara de incrédula: “*química industrial? Mas tu é tão humana...*”. Nunca esqueci esse momento. A conversa seguiu e ela me perguntou se eu nunca havia pensado em cursar Letras. Era uma sugestão tentadora, como nunca tinha pensado naquilo? Mas não... não podia ser, eu não queria ser professora. Bem capaz. Como eu poderia ser professora se era tão tímida? Como iria falar com as/os alunas/os?

Enfrentando meus dilemas acabei apostando minhas fichas em outro lugar: no curso de Psicologia. Lá continuaria com os livros, escutaria histórias e, ainda, ajudaria as pessoas. Tudo

isso com o alívio de não precisar enfrentar uma sala de aula como professora. Durante os cinco anos que seguiram, firmei comigo mesma o propósito de romper com minha timidez. E ela foi diminuindo... Mas eu continuava sentindo que não conseguia falar. Ouvi, muitas vezes, “*vai lá, fala*”, “*diz o que tu pensa*”. Eram convites para me escutar que vinham de colegas-amigas e professoras. A escrita se mantinha mais fácil, pois falar sempre me gerou certa ansiedade, exigia (e, ainda, exige) uma tomada de coragem, não é um ato simples. Então, quando olho para essa história que estou contando a vocês, acho surpreendente que eu tenha feito a escolha de me tornar professora. Entrei no mestrado e doutorado apostando nesse vir a ser que se concretizou depois de ser nomeada como professora universitária pelo concurso público que realizei. Mas, eis que a questão da voz continuou me acompanhando.

É estranho pensar que a academia é o que possibilita espaços para erguer a voz, ao mesmo tempo em que é, também, o que me silenciou/silencia em diferentes momentos. Bell hooks (2019b) me ajudou a ver que essa não é uma experiência apenas individual, mas coletiva (e frequente quando se trata de mulheres negras). O pessoal é, sim, político, como ela nos diz. O espaço da academia é onde tenho sentido recair com mais força, sobre o meu corpo, a reprodução das relações cotidianas assentadas no machismo e no racismo. São elas que me fazem pensar duas vezes antes de falar e em como devo falar, seja para apenas ter a possibilidade de ser escutada, seja para não ser atacada por ter um posicionamento diferente do que se esperava. Como mencionei, escrever nunca foi problemático para mim, é um espaço seguro para minha voz. Já falar exige coragem porque pressupõe acolhimento, escuta, respeito, coisas que, infelizmente, nem sempre encontramos no espaço acadêmico – esse que deveria ser plural, diverso, mas ainda é hegemonicamente sustentado pela colonialidade das relações.

Quantas vezes, na academia, sequer conseguimos abrir espaço para diálogos, preocupados que estamos em afirmar um certo status de intelectualidade? Em saber quem é que fala adequadamente a linguagem do cânone acadêmico. Quantas vezes deixei de me expressar por medo? Quantas vezes colegas usaram de seu privilégio masculino (em uma academia onde a métrica do sujeito é branca, masculina e heteronormativa) para afirmarem seu lugar de saber-poder? E como eu poderia falar nesse espaço, se tudo o que conseguia sentir e pensar era em como eu parecia não ter o jeito adequado para isso? Como apostar em uma academia que produz isso na gente? Onde é possível ouvirmos comentários orgulhosos sobre como “fulano destruiu o

trabalho de ciclano” (em uma banca ou em uma aula). É isso que desejamos ensinar? E (re)produzir? Rodeada de outras mulheres, eu escolho outro caminho.

Ter me tornado professora não fez essas experiências desaparecerem, não para mim, uma mulher negra de pele clara, mãe e lésbica. Mas me tornar professora me permitiu encontrar outras mulheres que ergueram suas vozes preocupadas em erguer, junto, as vozes de suas irmãs. E aqui, a partir de minha experiência, estou falando de vozes de mulheres negras e não-brancas como bell hooks, Audre Lorde, Maya Angelou, Lélia Gonzáles, Sueli Carneiro, Glória Anzaldúa, entre tantas outras. Mulheres que hoje me convidam a erguer minha própria voz, a despeito das artimanhas coloniais, racistas e machistas que insistem em lançarem sobre nós. Audre Lorde (2019), ao contar sua própria experiência, nos diz que passou a ter convicção de que aquilo que é mais “importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências” (p. 51). Ela me ensinou que meu silêncio não vai me proteger e me encoraja, a cada dia, a transformá-lo em linguagem e ação.

É surpreendente constatar que essa história sobre ser professora é uma das que contribuem para que, de um outro lugar, hoje eu possa apostar em um processo de ensino-aprendizagem baseado na educação como prática de liberdade, como bell hooks (2017) nos convida a exercitar. Que me traz a possibilidade de estabelecer relações pautadas na escuta, no respeito e aprendizado mútuo em sala de aula, na pesquisa e na extensão. É uma das histórias que, ao serem contadas em aula, permitem as alunas e alunos reconhecerem potencialidades ali onde o processo de educação escolar, muitas vezes, apontou erros e falhas. É pelos saberes, pelos ensinamentos e encontros com aquelas e aqueles que vieram antes de mim e as mulheres que encontrei meu cotidiano resistindo e reinventando suas vidas, que me faço e refaço no espaço acadêmico. Mas é também com minha voz, com meu corpo, minhas memórias, dores e alegrias que meu vir a ser professora se produz. E é, sobretudo, com as mulheres negras que tenho aprendido a erguer a voz.

4 Falar para além do elitismo acadêmico

Quando mulheres como bell hooks e Audre Lorde me incitam a romper com os silêncios, penso nos anos da graduação em que passei em um silêncio que doía os ossos. Tinha medo de falar em aula, de dizer sobre o que entendia dos textos e, principalmente, em afirmar que não os entendia. E isso era o que mais acontecia. Passei anos lendo textos que eu pouco entendia e tinha

vergonha de admitir em público esse desconhecimento. Suspeitava que outras colegas também sentiam o mesmo. Mas ninguém falava sobre isso. Assim, foram seis anos de graduação, tempo em que também não conseguia contar minha história, sobre onde morava ou sobre a profissão da minha mãe. Uma sensação de estar sempre com o pé mais fora do que dentro do ambiente acadêmico, como se eu não fosse bem-vinda neste. Como sobrevivi a este tempo? Constituindo pequenos desvios e espaços onde eu podia ter uma relação que produzia mais sentido em minha formação. Impossível não lembrar do que narra bell hooks (2017) sobre a relação do prazer e a sala de aula na universidade, como se para provar a seriedade da/do docente, as/os alunas/os devem estar semimortas/os, silenciosas/os ou repetindo o que a/o docente gostaria de escutar.

O surpreendente sobre esse silêncio é que sempre fui uma pessoa falante no ambiente escolar, participativa e com uma autoestima boa quanto ao meu desempenho. A escola sempre foi um ambiente importante, onde eu podia me expressar e era tida como uma excelente aluna. Os anos em que fui professora (no período do Magistério) me ajudaram a ocupar o espaço de sala de aula e erguer a voz com menos timidez. Mas a chegada à Universidade me produziu uma espécie de encolhimento da subjetividade, como se eu precisasse me esconder e não ser notada. Foi um tempo de angústias e apagamento. As disputas que aconteciam entre colegas pareciam batalhas para mostrar quem conhecia mais livros e filmes estrangeiros e recitava mais autores (que eu nunca tinha ouvido na vida). Em um lugar onde se fala muito em afeto, acolhimento, escuta, são sempre as mesmas vozes que encontram ouvidos acolhedores. Vozes oriundas de corpos brancos, masculinos (e alguns feminismos) oriundos de uma classe média detentora de capital cultural. Como falar em um ambiente que não parece querer escutar outras experiências que não as hegemônicas? Como sustentar conhecimentos outros, sendo que a exigência aponta para outros?

Assim, após um tempo fora da Universidade, o retorno para o mestrado foi muito diferente. Circular por outros ambientes me ajudou a reencontrar uma voz que tinha guardado durante o tempo da graduação. Comecei a escrever cartas e apostar em uma escrita que acolhia as dimensões da minha experiência (a necessidade de narrar desde as minhas experiências, minhas dificuldades com a língua culta e a vontade de escrever como se estivesse conversando com outra pessoa). A implicação com o que produzo e com o espaço da Universidade mudou com as leituras de intelectuais como bell hooks, Audre Lorde, Lélia Gonzalez e Gloria Anzaldúa. É com elas que consigo defender que a forma como escolho ocupar a produção do conhecimento e a universidade. Assim, vou desenhando um conhecimento que vai sendo encorpado com minhas

experiências. Um conhecimento que ganha meu corpo e com isso encontro a necessidade de ampliar as leituras que vinha fazendo. Reproduzir conceitos oriundos da Europa já não fazem sentido e, com isso, a aproximação com leituras decoloniais e feministas passam a me acompanhar. E reencontro a escrita como ferramenta de combate com a qual enfrento o cânone colonial acadêmico. Neste percurso vou encontro com outras mulheres pesquisadoras que me alimentam o andar com suas experimentações, como Érika Cecília Soares Oliveira (2020), minha coorientadora, que afirma

A escrita é uma *performance*, uma política, por isso me entregarei ao exercício de insubordinação confrontando as próprias políticas narrativas da academia. Esse afrontamento se dá pela junção de teoria e experiência de vida, por teorizar a experiência e experienciar a teoria; algo que as escritas acadêmicas, com seu ideal de neutralidade e objetividade, procuram evitar (p. 4).

Com mulheres como Érika e Luciana (segunda autora deste artigo) encontro companhia para sustentar um modo de ser, estar, sentir e escrever na universidade. Mulheres que apostam na necessidade de nos unirmos em pequenas constelações e que possamos lançar mão de nossas escritas, nossas formas de cuidado, nossos afetos como armas de resistência frente ao machismo, racismo e elitismo acadêmico. Eu escolho as cartas, envelopes, laços e caixas, pois com estes é como se as travas da escrita se soltassem, como se o freio imaginário que me conduzia tivesse sido liberado. As cartas me permitem escrever abertamente sobre os conceitos que uso, sobre a relação destes como as experiências pelas quais eu passo e com as histórias que me ofertam. Sinto que com as cartas eu criei uma voz acadêmica própria, como nos convoca bell hooks (2019b). E desta forma, vou assumindo um escrever feminista, que nas palavras de Oliveira (2020) “é reconhecer a intencionalidade desse ato, encontrando-se nele” (p. 4).

E fico pensando como é esse processo para outras alunas e até professoras. E em como podemos nos unir na construção de uma comunidade que passe pela aprendizagem, pelo ensino, pelos afetos e troca de histórias e experiências. Lembro de Scholastique Mukasonga, com quem começamos essa caminhada-artigo, pois a luz que irradia meu coração é alimentada por muitas que vieram antes de mim e também por aquelas com quem tenho a honra de estar lado a lado nestes percursos da vida.

5 Com quem caminhamos em nossas experiências docentes?

Este artigo foi escrito enquanto vivenciamos uma pandemia por COVID-19 e um governo conservador e ultraliberal que vem acelerando a precarização das políticas públicas e acentuando um ataque a educação pública brasileira. Situamos o tempo de nossa escrita, pois frente ao cenário atual compartilhamos a questão que a pergunta de Ailton Krenak expressa com precisão: “[p]or que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube (humanidade), que na maioria das vezes só limita nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?” (2019, p. 13). Precisamos refletir se queremos seguir pactuados com essa ideia de humanidade que nos empurraram à força desde a época da invasão de nosso continente. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2020) nos ajudam a entender sobre a força dessa ideia que é parte de uma gramática de conhecimento produzida pela empreitada colonial. Tal gramática se perpetua mesmo em “tradições discursivas que se reivindicam progressistas que são ainda fixas em pressupostos ocidentalizantes e não disponíveis ao transe e não têm respondido de forma responsável à diversidade do mundo” (p. 8). Os autores apostam nas políticas de encantamento, afirmando este como

[...] uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 7-8).

Por isso, escolhemos caminhar com quem sente, lembra e constrói caminhos possíveis de (r)existência desde aqui. Mulheres/homens que criam, resistem, produzem vida e aninham conhecimento desde as entranhas da América Latina. Ocupa-nos a produção de um pensamento preocupado com uma política de encantamento e animado por uma certa “*osadía de colonizada*”, como refere a intelectual boliviana e Aymara Silvia Cusicanqui (2018, p. 135) ao nos afirmar que inverte a lógica acadêmica, buscando teoria em outras fontes mais próximas de sua experiência vivida.

Assim, de pés descalços, guiadas pela luz que irradia de nossos corações e cuidando de nossos dedos do pé, adentramos à sala de aula e ocupamos o fazer da pesquisa a partir de um exercício de desfiliação da hegemonia de um cânone acadêmico perpassado pelas lógicas coloniais para, então, se constituir de vivências, corporalidades e emoções, um fazer desde as

entranhas e ritmados ao compasso da respiração e das batidas do coração. Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2020) apontam que o humano quando se apoderou de uma certa ideia de civilização (branca, masculina, cristã e obcecada pelo consumo e acumulação) esqueceu o que é natureza. Nesse cenário, afirmam que a adequação ao padrão de desencanto torna-se a resposta possível. Deste modo, nossa preocupação em assumir o exercício da docência em diálogo com quem aviva a chama das políticas de encantamento, diz da necessidade de travarmos a roda da destruição promovida pela máquina de moer vidas nominada capitalismo.

Queremos estar em sala de aula e em nossas pesquisas e práticas de extensão acompanhadas de pessoas que falem com as montanhas e que tenham rios como parentes (KRENAK, 2019). Que escutem as vozes dos tambores, que tenham a aldeia, o quilombo como projeto para uma sociedade igualitária e que, portanto, não estejam alinhadas com o clube da humanidade forjada no projeto Modernidade/Colonialidade (MIGNOLO, 2017), que define humanos, sub-humanos e não humanos tendo como base de referência o sujeito branco, masculino, cis, heteronormativo, cristão, patriarca, burguês e norte global centrado. Precisamos desaprender a andar pelos caminhos construídos pela hegemonia epistêmica global que nos foi vendida como a estrada adequada para adentrarmos ao clube que eles (europeus) chamaram humanidade.

Nosso interesse é por “aquelas/es que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta” (KRENAK, 2019, p. 21), que foram situadas/os nas margens pelos opressores coloniais. Oliveira (2020, p. 4) afirma

Os opressores também sentem medo. Sentem pavor quando percebem que elas podem abrir suas bocas. As chicas desbocadas. Das verdades coloniais que podem sair desse orifício úmido, que pode engoli-los, despedaçá-los, reduzi-los a pedacinhos. Das línguas molhadas que podem sugar o conhecimento deles, transformar em coisas mais potentes. Dos dentes brancos que mastigam e deixam tudo miudinho. O medo, o medo. Também os opressores o têm.

Um exercício do trabalho docente preocupado em cuidar dos dedos dos pés está intimamente relacionado ao sentir prazer em estar vivas/os, em fazer do medo alimento para escritas. É com mulheres e homens que dançam, cantam, fazem poesia, constroem saberes em comunidades (e comunidades de saberes) que nos aliançamos - como as mulheres e os homens que trouxemos para dialogar nesse artigo. E se escrevemos, é porque não estamos sozinhas. E escrevemos para que outras constelações de professoras/es e pesquisadoras/es que compartilhem de um pensamento comum ao nosso, possam saber que também não estão sozinhas/os. “Está

cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover” (KRENAK, 2019, p. 26). Que escutamos a luz, sintamos a dança e honremos a memória ancestral desde nossa América Ladina.

Assim, em tempos em que o assombro nos ronda, que os tentáculos do fascismo, da violência e da destruição ambiental se debruçam sobre nós, escolhemos apostar em práticas que nos ajudem a adiar o fim do mundo, como nos convida Ailton Krenak (2019) e a criar comunidades, como nos inspira bell hooks (2020). Práticas que nos convocam a contarmos sempre mais uma história (KRENAK, 2019). Nossas salas de aula, pesquisas e práticas extensionistas são sempre inundadas por outras personagens, histórias e narrativas; queremos que as/os alunas/os não precisem temer em expor suas ideias, experiências de vida e saberes ancestrais que trazem consigo. E desejamos que, enquanto professoras, consigamos criar espaços de compartilhamento, que espantem o desencanto de nossas salas de aula e de nossas práticas acadêmicas.

6 Experiências possíveis para tempos impossíveis: cartas para romper silêncios

Conversar sobre a prática docente pede urgência, pois temos a sensação de que essa é a perna do tripé do trabalho universitário que parece estar sempre relegada a último plano, ao depois. Mas nossas experiências com o lugar da docência, nos tem feito pensar muito sobre a educação com a qual desejamos seguir apostando: uma educação como prática de liberdade (HOOKS, 2017).

Nossos corações nos pedem tempo para respirar e respeito às lágrimas que teimam em cair quando nos emocionamos em sala de aula. Nossos corpos anseiam pelos encontros que esse espaço nos permite. Nossa vivência nos lembra que uma aula precisa ser aquecida, inundada com nossas experiências para que as/os estudantes possam se encorajar e seguir conosco. A autora afirma que precisamos nos expor, correr riscos junto com as/os alunas/os para que as/os mesmas/os criem confiança para erguerem suas vozes. E esse é um exercício que temos buscado praticar.

Uma das ferramentas que temos utilizado nesse processo é a proposição de escrita (de troca) de cartas como um exercício ao pensamento crítico, a partir dos conteúdos trabalhados na disciplina. É uma das experiências desse uso das cartas, em uma disciplina de Psicologia Social oferecida a cursos diversos de uma universidade federal, na qual a segunda autora atua como

professora, que gostaríamos de compartilhar com vocês. Uma disciplina que tem como objetivo apresentar a Psicologia Social para estudantes de diferentes cursos.

Compreendendo as dificuldades que o encontro de estudantes em formação para diferentes profissões (com linguagens, teorias e práticas que se diferem entre si) com o campo Psicologia pode gerar, a experiência com cartas na disciplina citada nos tem ajudado a compor práticas de ensino-aprendizagem que buscam não reforçar os sistemas de dominação (HOOKS, 2019b). Nesse sentido, as cartas têm funcionado como um meio pelo qual as/aos alunas/os exercitam suas vozes, dialogando com a professora e escrevendo suas experiências em um processo de aprendizagem que se compõe através de conteúdos teóricos e suas próprias vivências. O convite realizado é para que cada uma/um possa escrever uma carta endereçada à Psicologia Social, que lhes fez companhia durante o semestre. O que elas/eles poderiam contar à Psicologia Social? Sobre seus encontros com a mesma, seus sentimentos, de como se relacionaram com os textos, com as aulas e de como sentiram a relação com a professora que ministra a disciplina (segunda autora deste artigo), com os colegas, com a turma. As cartas são um convite ao diálogo, uma proposta para que a voz possa ser erguida, já que muitas/os alunas/os relatam que temem falar nas disciplinas, que são tímidos, que sentem ansiedade e medo do julgamento alheio. Entendemos que esses sentimentos são produções de um sistema educativo colonial que ainda opera por reprodução do cânone colonial epistêmico branco, masculino, cristão, cisheteronormativo e que, apesar dos muitos avanços, ainda segue reforçando a ideia de que o pessoal não deve ocupar o espaço da produção de conhecimento e por consequência da docência.

Assim, com dispositivos como as cartas, intentamos criar espaços seguros para que a experiência de falar não seja tão ansiogênica como, por vezes, se torna. Cartas rompem com a ideia de escrita acadêmica hegemônica, pois as/os alunas/os são convidadas/os a usarem suas vozes, exercitarem o pensamento e o exercício de se exporem. E escrevem acompanhadas/os das autoras/es que leram durante o semestre, mas principalmente, escrevem acompanhadas/os de sua experiência como alunas/os e pensadoras/es que são. Uma docência feminista, desta forma, precisa estar preocupada com quem se propõe a caminhar e ocupar a sala de aula, como se relaciona com o conhecimento e como estende esse convite à suas/seus alunas/os, em um exercício ético de coerência. E como ilustração ao que estamos discutindo, segue um trecho de

uma carta escrita pela segunda autora para um de seus alunos, como resposta à sua carta endereçada à Psicologia Social:

Fico feliz em saber que a disciplina contribuiu para o exercício do teu pensamento e que, na medida em que fomos discutindo as lógicas que constituem nossa sociedade e a nós mesmos (e como somos produzidos e produtores dela) teu pensamento foi movimentando tua vida, teu modo de se ver, reconhecer, de estar no mundo. Esse movimento nem sempre é fácil, pois pensar o nosso presente enquanto vivemos nele poder ser, por vezes, duro. Não é um movimento fácil, mas é o que nos possibilita reconhecer nossos privilégios, nossas heranças nem sempre positivas (como a lógica colonial e escravagista), nossas práticas que, por vezes, são permeadas por essas mesmas lógicas. E reconhecer como nos tornamos o que somos, como é possível agirmos como agimos em nosso cotidiano é o primeiro passo para podermos exercitar e apostar em práticas mais acolhedoras, pautadas na escuta e em uma ética do respeito e do cuidado com o outro – sobretudo, o outro que organiza sua vida por um modo de vida diferente do que nós estamos acostumados (na classe média, frequentemente branca, heterossexual, etc.) Foi nesse movimento que foi possível trabalhares tua timidez, tua insegurança, olhar para além da tua bolha, perceber o peso das desigualdades. Que bom que tu se sentiu incluso nas discussões e na aula, mesmo que nesse espaço, não te sentias confortável para falar. E que bom que não entendes que tua timidez é um problema, mas fala de teu modo de estar no mundo hoje e, que sim, pode ser diferente mais adiante (RODRIGUES, 2019, n.p).

7 Desde aqui ofertamos um fazer docente feminista preocupado com o acolhimento

No lado de cá do Sul global, na América Latina (GONZALES, 2018) não podemos afirmar a morte da narrativa nem mesmo a pobreza da experiência. São ouvidos educados por vozes europeias/estadunidenses e adaptados ao discurso do desencanto que reproduzem tais afirmações. Quem afirma a pobreza da experiência em terras amefricanas não conhece bell hooks, Conceição Evaristo, Gloria Anzaldúa, Silvia Cusicanqui, Audre Lorde, Lélia González e Ailton Krenak (entre muitos nomes que poderíamos citar). Ou conhece e já não consegue ver a luz que irradia das políticas de encantamento que essas/es autoras/es trazem consigo e em suas obras. Desde aqui, onde intelectuais negras/os e indígenas sobrevivem e resistem a todo tipo de violência colonizadora e genocida, aprendemos a enfrentar o fim do mundo a partir de fios que se tecem pela experiência, pela oralidade e, portanto, pela constituição de narrativas. Então, que nossas salas de aulas na universidade possam ser espaços de resistência à hegemonia epistêmica norte global centrada. E será pelo compartilhamento de histórias que iremos resistir e (re)existir ao ataque promovido forças pactuadas com o desencanto colonial, violento, branco, patriarcal e cisheteronormativo.

E essa resistência passa pelo compartilhamento de memórias e um convite para uma escuta ativa, como nos fala bell hooks (2020). Uma escuta acionada pelo corpo todo, que escuta pelos poros, pelos pêlos, que sente pelas entranhas e que responde ao que escuta com respiração e batidas do coração, acolhendo o que lhe é ofertado como matéria potente de resistência ao desencanto, uma escuta curativa (HOOKS, 2020; SIMAS; RUFINO, 2020). Bell hooks (2020) afirma que “histórias nos ajudam a cicatrizar” (p. 93) e que o exercício em sala de aula é o de conectar nossas experiências com o material a ser estudado. Ela aponta, ainda, que “ao contarmos nossas histórias, fazemos conexões com outras” (p. 94), o que nos ajuda a entender a constituição de comunidades de aprendizagem, já que, de acordo com a autora, é exatamente o ato de narrar e ouvir histórias que possibilitam o conhecimento. Desta forma, que possamos seguir juntas construindo espaços de cura, em pequenas constelações de pessoas que acreditem na vida, e coloquem o corpo em trabalho em prol de políticas de encantamento da vida.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *In*: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**. São Paulo: MASP, 2019. v. 2, p. 85-94. .
- CHIMAMANDA, Adiche. **Chimamanda Adichie**: o perigo da história única. Portal Geledés, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em: 17 fev. 2020.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo ch'ixi es posible**: ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. *In*: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para Rosas Negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. p. 321-334.
- HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LORDE, Audre. A poeta como professora, a humana como poeta, a professora como humana. *In:* LORDE, Audre. **Sou sua irmã: escritos reunidos**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 103-105

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-17, jun. 2017.

MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços**. São Paulo: Nós, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Erika Cecília Soares. A docência como uma performance feminista. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 15, n. 3, p. 1-13, jul./set. 2020.

RODRIGUES, Luciana. [Correspondência]. **Destinatário: aluno da disciplina de Psicologia Social**. Porto Alegre, 10 jul. 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luis. **Encantamento (sobre política de vida)**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. E-book. Disponível em: <https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Encantamento.pdf> . Acesso em: 17 fev. 2020.